



Jackson Buonocore

O amor de Deus

Dias atrás, uma leitora me perguntou: “Professor, o senhor acredita no amor de Deus?” Olhei para ela e disse que sim. Mas fiz questão de acalmá-la com o que sinto no fundo da alma: o amor de Deus é de graça. Ele não pede dízimo forçado, nem exige a chave do carro ou da casa para abençoar. Deus não faz comércio com sentimentos. O amor d’Ele é incondicional; pertence a quem tem o coração aberto, não a quem tem dinheiro.

Logo ao ouvir isso, ela se emocionou e me deu um abraço apertado. Foi um momento gratificante, daque-

les que dão sentido a uma vida inteira de escrita e escuta. Esse abraço me fez lembrar de grandes pensadores que defendiam a leveza do afeto.

Afinal, Espinosa dizia que Deus não é um juiz severo em um trono, esperando bajulação para não castigar. Para ele, Deus é a própria vida acontecendo, a natureza e a paz de quando agimos com o bem. Paul Tillich complementa essa visão mostrando que o amor divino é pura aceitação. Para Tillich, a força da graça é que Deus nos aceita exatamente como somos, mesmo quando nos sentimos

Sociólogo, psicanalista e escritor
buonocorejcb@gmail.com

inaceitáveis ou cheios de culpa. Não há condições para esse acolhimento.

Assim, Nietzsche explicava que o Jesus real era um homem de leveza e autenticidade admiráveis. Jesus não criou regras complexas, não cobrou pedágio nem alimentava o medo. Para ele, o Reino dos Céus era o aqui e o agora, vivido no amor e na simplicidade.

Por fim, aquele abraço foi a prova disso: sem templos ou taxas, o amor divino se fez presente de forma carinhosa e gratuita entre seres humanos.

Promotor de Justiça aposentado
ivar4hartmann@gmail.com



Ivar Hartmann

A Guerra dos Pinhões

Dizemos: o pinhão. Mas compramos, assamos e comemos pinhões; repartimos pinhões assados (eu com meu neto). Me parecem melhores do que as castanhas e pistache. Queria conhecer o vulcão Osorno e a terra do Pablo Neruda. Nos Andes, no fim do Chile. Uma noite, no hotel, serviam uns assadinhos do tamanho de uma castanha de caju. Experimentei. Era pinhão. Pelo tamanho e local, perguntei ao gerente de onde vinham. Respondeu-me que ali, nas imediações do Osorno, era o último canto do sul da América, onde se colhiam pinhões.

Pequenos comparados aos nossos, mas ótimos. Chegamos ao fim desta safra. Ainda com pinhões à venda em todas as cidades. A quem não apetece? Quero contar um “causo” verdadeiro, acontecido durante a Revolução Federalista de 1893 que durou dois anos. Sangrenta, matou três vezes mais soldados e civis do que a Revolução Farroupilha de 1835, que durou dez anos.

Saindo do Rio Grande, os revoltosos avançaram na direção do Rio de Janeiro, para derrubar o presidente Floriano Peixoto. Derrotados na Lapa, norte do Paraná, retornaram os maragatos

para o Rio Grande em maio de 1894, em péssimas condições. Perseguidos pelo Exército, retiravam-se pelas florestas de araucárias.

Então, no inverno de 1894, graças aos pinhões, estas tropas rebeldes conseguiram sobreviver ao rigoroso inverno de SC. Falto de cavalos, roupas e provisões, sem linhas de suprimento, enfrentaram a fome, lutando sob condições extremas, e alimentando-se dos pinhões. Chamaram o episódio de Guerra dos Pinhões. Graças à semente de araucária, conseguiram retornar ao Rio Grande.

Bispo de Novo Hamburgo
domjfsalm@diocesenh.org.br



D. João Francisco Salm

Deixa-te chamar para exerceres a compaixão

É interessante notar que Jesus chamou os Doze num momento em que se sentiu tomado de compaixão: viu multidões cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Sentiu dor diante da dor do mundo e lhe oferece o seu coração enternecido. Assim, dá início ao ministério da compaixão. É para esse ministério que Ele convoca os Doze discípulos e a todos os que nele creem.

“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da messe que mande trabalhadores”.

Jesus viu uma multidão de pessoas que o seguia, uma multidão cansada,

abatida, sem pastor. A grande messe ou seara é uma seara de cansaço, uma colheita de lágrimas, uma messe de dor. É a essa seara que Jesus envia os Doze, confiando-lhes uma missão extraordinária: o ministério da compaixão.

Ele os faz operários de um trabalho indicado nestes seis verbos: anunciai, curai, ressuscitai, purificai, expulsai e dai (cfr. Mt 10,7s). A pregação é apenas um dos seis verbos. Os outros cinco dizem respeito à piedade e à compaixão.

A obra de quem é chamado para a messe é, em primeiro lugar, a piedade a ser exercida com gestos concretos:

cinco ações que revelam Deus e o seu Reino próximo de nós. Porque Deus não se demonstra com grandes reflexões. Deus precisa ser mostrado, não com palavras, mas com a vida.

O ministério da compaixão não é ensinado em universidades. Não são funções, deveres e poderes importantes. Trata-se do dom da compaixão. A compaixão só “se aprende” ao lado do Senhor, e com Ele, olhando as multidões, sabendo ver a messe da dor, as espigas do cansaço, que amadurecem continuamente. E então, deixar-se chamar.

Fauston Saraiva

Diretor da ACI-NH/CB/EV/DI/IV
diretor@acinh.com.br



Riscos para todos

A extinção da escala de trabalho 6x1, aprovada na Câmara dos Deputados e em análise no Senado Federal, representa grave ameaça à sustentabilidade das empresas e à manutenção de milhões de postos de trabalho formais.

O modelo 6x1 não é fruto de arbitrariedade patronal, mas uma necessidade operacional consolidada em inúmeros segmentos. Trata-se de um sistema legitimado pela CLT, regulado por convenções coletivas e indispensável para garantir continuidade operacional, produtividade e preservação de empregos.

A imposição artificial de redução da jornada, sem qualquer contrapartida de desoneração tributária ou ganho de produtividade, acarretará aumento de custos operacionais, fechamento de pequenas e médias empresas, retração de contratações, aumento da informalidade, aceleração da automação em substi-

tuição à mão de obra, redução de renda dos trabalhadores, encarecimento de produtos e serviços e perda de competitividade internacional do Brasil.

Aumentos compulsórios no custo do trabalho desacompanhados de reformas estruturais geram desemprego, informalidade e desaceleração econômica. O Brasil já figura entre os países com maior custo de contratação do mundo, em razão da elevada carga tributária e dos encargos na folha de pagamento.

O governo federal alega preocupação com a qualidade de vida do trabalhador, mas mantém um sistema em que praticamente outro salário é pago em tributos, encargos e obrigações acessórias para cada trabalhador contratado. A verdadeira valorização do trabalho não ocorre por decreto populista, mas pela geração de riqueza, produtividade e liberdade econômica.

Laís Machado Lucas

Advogada de famílias empresárias
lais@laislucas.com.br



Liderança feminina

A presença feminina na liderança de empresas familiares ainda é tratada como exceção — não por falta de capacidade, mas pela repetição de padrões históricos.

Na prática, os processos sucessórios tendem a privilegiar herdeiros homens, enquanto mulheres, mesmo preparadas e atuantes, frequentemente precisam demonstrar mais para ocupar posições equivalentes. Essa lógica não costuma ser explícita, mas se manifesta em decisões cotidianas, na proximidade com a liderança e na forma como oportunidades são oferecidas.

Esse cenário contrasta com os benefícios que a diversidade traz à gestão. Ambientes com maior pluralidade de perspectivas tendem a lidar melhor com riscos, a tomar decisões mais equilibradas e a construir relações mais sustentáveis no longo prazo. Em empresas

familiares, isso se reflete não apenas em desempenho, mas também na qualidade das relações entre sócios e gerações.

Superar essa realidade exige ação em duas frentes. De um lado, famílias empresárias precisam estruturar processos sucessórios mais transparentes, com critérios claros e espaço real para diferentes perfis de liderança. De outro, herdeiras devem assumir papel ativo, buscando preparo, participação e envolvimento efetivo no negócio.

Promover lideranças femininas não é concessão, mas uma escolha alinhada com a longevidade da empresa. Legados que pretendem atravessar gerações precisam ser capazes de revisar seus próprios padrões e incorporar novas formas de liderar. Caso contrário, correm o risco de se manter presos a estruturas que já não respondem às exigências do presente.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Paisagem de propaganda na bela praia de Tambaba, na Paraíba.

Leila Beatriz Zottmann Taquara



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

